

Só existem dois dias em que nada pode ser feito: o ontem e o amanhã. Dalai Lama

Não podemos exigir que os outros fossem como queremos, pois nem nós mesmos somos como queremos. **Lao Tsé**

Felicidade – Conto Sufi

Nasrudin encontrou um homem desconsolado sentado à beira do caminho e perguntou-lhe os motivos de tanta aflição. "Não há nada na vida que interesse, irmão. Tenho dinheiro suficiente para não precisar trabalhar e estou nesta viagem só para procurar algo mais interessante do que a vida que levo em casa. Até agora, eu nada encontrei." Sem mais palavra, Nasrudin arrancou-lhe a mochila e fugiu com ela estrada abaixo, correndo feito uma lebre. Como conhecia a região, foi capaz de tomar uma boa distância. A estrada fazia uma curva e Nasrudin foi cortando o caminho por vários atalhos, até que retornou à mesma estrada, muito à frente do homem que havia roubado. Colocou a mochila bem do lado da estrada e escondeu-se à espera do outro. Logo apareceu o miserável viajante, caminhando pela estrada tortuosa, mais infeliz do que nunca pela perda da mochila. Assim que viu sua propriedade bem ali, à mão, correu para pegá-la, dando gritos de alegria. "Essa é uma maneira de se produzir felicidade"- disse Nasrudin.

Não há ninguém destinado ao eterno sofrimento, porque um dia sentirá o apelo do bem e emergirá das trevas para a luz. **Zíbia Gasparetto**

Verdade – Autor Desconhecido

Sete sábios, cada um de uma religião, discutiam qual deles conhecia, realmente, a verdade. Um rei muito sábio que observava a discussão aproximou-se e perguntou: "O que vocês estão discutindo?" E um deles falou: "Estamos tentando descobrir qual de nós é dono da verdade." Ao escutar isso, o rei, imediatamente, pediu a um de seus servos que levasse sete cegos e um elefante até o seu castelo. Quando os cegos e o elefante chegaram ao palácio, o rei mandou chamar os sete sábios e pediu-lhes que observassem o que aconteceria a seguir. O sábio rei pediu aos cegos que tocassem o elefante e o descrevessem, um de cada vez. O primeiro cego tocou a tromba do elefante e disse: "É comprido, parece uma serpente." O segundo tocou-o no dente e disse: "É duro, parece uma pedra." O terceiro segurou-lhe o rabo e disse: "É cheio de cordinhas." O quarto pegou na orelha e disse: "Parece um couro bem grosso." E assim, sucessivamente, cada cego descreveu o elefante de acordo com a parte dele que estava tocando. Quando todos terminaram de descrever o animal, o rei perguntou aos sete sábios: "Algum desses cegos mentiu?" "Não!" - responderam os sábios em coro - "Todos falaram a verdade." Então, o rei perguntou: "Mas algum deles disse realmente o que é um elefante?" "Não, nenhum cego disse o que é um elefante, mesmo porque cada um tocou apenas uma parte dele" disse um dos sábios. "Vocês, sábios, que estão discutindo quem é dono da verdade, parecem cegos. Todos estão falando a verdade, mas, como os sete cegos, cada um se refere apenas a uma parte dela" disse o sábio rei, concluindo: "Ninguém é dono da verdade, porque cada um a vê de um ângulo diferente..."

Você pode ter tudo o que quiser se fizer esforços para ajudar outras pessoas a terem o que elas querem. **Zig Ziglar**

Só existem dois dias em que nada pode ser feito: o ontem e o amanhã. Dalai Lama

Não podemos exigir que os outros fossem como queremos, pois nem nós mesmos somos como queremos. **Lao Tsé**

Felicidade – Conto Sufi

Nasrudin encontrou um homem desconsolado sentado à beira do caminho e perguntou-lhe os motivos de tanta aflição. "Não há nada na vida que interesse, irmão. Tenho dinheiro suficiente para não precisar trabalhar e estou nesta viagem só para procurar algo mais interessante do que a vida que levo em casa. Até agora, eu nada encontrei." Sem mais palavra, Nasrudin arrancou-lhe a mochila e fugiu com ela estrada abaixo, correndo feito uma lebre. Como conhecia a região, foi capaz de tomar uma boa distância. A estrada fazia uma curva e Nasrudin foi cortando o caminho por vários atalhos, até que retornou à mesma estrada, muito à frente do homem que havia roubado. Colocou a mochila bem do lado da estrada e escondeu-se à espera do outro. Logo apareceu o miserável viajante, caminhando pela estrada tortuosa, mais infeliz do que nunca pela perda da mochila. Assim que viu sua propriedade bem ali, à mão, correu para pegá-la, dando gritos de alegria. "Essa é uma maneira de se produzir felicidade"- disse Nasrudin.

Não há ninguém destinado ao eterno sofrimento, porque um dia sentirá o apelo do bem e emergirá das trevas para a luz. **Zíbia Gasparetto**

Verdade – Autor Desconhecido

Sete sábios, cada um de uma religião, discutiam qual deles conhecia, realmente, a verdade. Um rei muito sábio que observava a discussão aproximou-se e perguntou: "O que vocês estão discutindo?" E um deles falou: "Estamos tentando descobrir qual de nós é dono da verdade." Ao escutar isso, o rei, imediatamente, pediu a um de seus servos que levasse sete cegos e um elefante até o seu castelo. Quando os cegos e o elefante chegaram ao palácio, o rei mandou chamar os sete sábios e pediu-lhes que observassem o que aconteceria a seguir. O sábio rei pediu aos cegos que tocassem o elefante e o descrevessem, um de cada vez. O primeiro cego tocou a tromba do elefante e disse: "É comprido, parece uma serpente." O segundo tocou-o no dente e disse: "É duro, parece uma pedra." O terceiro segurou-lhe o rabo e disse: "É cheio de cordinhas." O quarto pegou na orelha e disse: "Parece um couro bem grosso." E assim, sucessivamente, cada cego descreveu o elefante de acordo com a parte dele que estava tocando. Quando todos terminaram de descrever o animal, o rei perguntou aos sete sábios: "Algum desses cegos mentiu?" "Não!" - responderam os sábios em coro - "Todos falaram a verdade." Então, o rei perguntou: "Mas algum deles disse realmente o que é um elefante?" "Não, nenhum cego disse o que é um elefante, mesmo porque cada um tocou apenas uma parte dele" disse um dos sábios. "Vocês, sábios, que estão discutindo quem é dono da verdade, parecem cegos. Todos estão falando a verdade, mas, como os sete cegos, cada um se refere apenas a uma parte dela" disse o sábio rei, concluindo: "Ninguém é dono da verdade, porque cada um a vê de um ângulo diferente..."

Você pode ter tudo o que quiser se fizer esforços para ajudar outras pessoas a terem o que elas querem. **Zig Ziglar**

Responsabilidade - Hammed

Somos **nós mesmos** que fazemos os nossos caminhos e depois os denominamos de **fatalidade**. Não é coerente que cada um de nós trabalhe para alcançar a própria felicidade? Não é lógico que devemos nos responsabilizar apenas por nossos atos? Fazer os outros seguros e felizes é **missão impossível** de realizar, se acreditarmos que depende unicamente de nós a plenitude de sua concretização. Se assim admitimos, passamos a esperar e a cobrar retribuição; em outras palavras, a **reciprocidade**. Não seria mais fácil que cada um de nós conquistasse sua felicidade para que depois pudesse desfrutá-la, convivendo com alguém que também conquistou por si mesmo? Qual a razão de a ofertarmos aos outros e, por sua vez, os outros a concederem a nós? Dessa maneira, vivemos constantemente colocando nossas necessidades em **segundo plano** e, ao mesmo tempo, nos esquecendo de que a maior de todas as responsabilidades é aquela que temos para com nós mesmos. Os acontecimentos exteriores de nossa vida são os resultados direta de nossas **atitudes internas**. A princípio, podemos relutar para assimilar e entender esse conceito, porque é melhor continuarmos a acreditar que somos **vítimas indefesas** de forças que não estão sob o nosso controle. Efetivamente, somos nós mesmos que fazemos os nossos caminhos e depois os denominamos de fatalidade. É inevitável para todos nós o fato de que vivemos fazendo escolhas. A condição primordial do **livre-arbítrio** é a escolha e, para que possamos viver, torna-se indispensável escolher sempre. Eis aqui um fato incontestável da vida: o amadurecimento do ser humano inicia-se quando **cessam** suas acusações ao mundo. Entretanto, há indivíduos que se julgam perseguidos por um destino cruel e censuram tudo e todos, menos eles mesmos. Recusam, sistematicamente, a **responsabilidade** por suas desventuras, atribuindo a culpa às circunstâncias e às pessoas, bem como não reconhecem a conexão existente entre os fatos exteriores e seu comportamento **mental**. No íntimo, essas pessoas não definiram limites em seu mundo interior. Os limites nascem das nossas decisões profundas sobre o que acreditamos ser nossos direitos pessoais. Nossas demarcações estabelecem nosso próprio território, cercam nossas forças vitais e determinam as linhas divisórias de nosso ser individual. Há um espaço **delimitado** onde nós terminamos e os outros começam. Algumas criaturas aprenderam, desde a infância, o senso dos limites com pais amadurecidos. Outras, porém, não. Quando atingiram a fase adulta, não sabiam como distinguir quais são e quais não são suas responsabilidades. Muitas construíram muros de isolamento que as separaram do crescimento e da realização interior, ou ainda paredes com **enormes buracos** que as tornaram abertas a uma confusão de suas emoções com as de outras pessoas. Limites têm como objetivo nos tornar firmes e conscientes de nós mesmos, a fim de sermos capazes de nos aproximar dos outros sem sufocá-los ou desrespeitá-los. Visam também evitar que sejamos constrangidos a **não confiar** em nós mesmos. Ser responsável implica ter a determinação para responder pelas **consequências** das atitudes adotadas. Ser responsável é decidir por si mesmo para onde ir e descobrir a razão do próprio querer. **Não existem** "vítimas da fatalidade". Aceitar o princípio da responsabilidade individual e estabelecer limites descomplica nossa vida, tornando-os cada vez mais conscientes de tudo o que acontece ao nosso redor. Escolhendo com responsabilidade e sabedoria, poderemos transformar as amarguras em que vivemos na atualidade. A **auto responsabilidade** nos proporcionará a dádiva de reconhecer que qualquer mudança de rota no itinerário de nossa existência dependerá, invariavelmente, **de nós**.

Projeto Pense Bem - www.FaceBook.com/ProjetoPenseBem

Responsabilidade - Hammed

Somos **nós mesmos** que fazemos os nossos caminhos e depois os denominamos de **fatalidade**. Não é coerente que cada um de nós trabalhe para alcançar a própria felicidade? Não é lógico que devemos nos responsabilizar apenas por nossos atos? Fazer os outros seguros e felizes é **missão impossível** de realizar, se acreditarmos que depende unicamente de nós a plenitude de sua concretização. Se assim admitimos, passamos a esperar e a cobrar retribuição; em outras palavras, a **reciprocidade**. Não seria mais fácil que cada um de nós conquistasse sua felicidade para que depois pudesse desfrutá-la, convivendo com alguém que também conquistou por si mesmo? Qual a razão de a ofertarmos aos outros e, por sua vez, os outros a concederem a nós? Dessa maneira, vivemos constantemente colocando nossas necessidades em **segundo plano** e, ao mesmo tempo, nos esquecendo de que a maior de todas as responsabilidades é aquela que temos para com nós mesmos. Os acontecimentos exteriores de nossa vida são os resultados direta de nossas **atitudes internas**. A princípio, podemos relutar para assimilar e entender esse conceito, porque é melhor continuarmos a acreditar que somos **vítimas indefesas** de forças que não estão sob o nosso controle. Efetivamente, somos nós mesmos que fazemos os nossos caminhos e depois os denominamos de fatalidade. É inevitável para todos nós o fato de que vivemos fazendo escolhas. A condição primordial do **livre-arbítrio** é a escolha e, para que possamos viver, torna-se indispensável escolher sempre. Eis aqui um fato incontestável da vida: o amadurecimento do ser humano inicia-se quando **cessam** suas acusações ao mundo. Entretanto, há indivíduos que se julgam perseguidos por um destino cruel e censuram tudo e todos, menos eles mesmos. Recusam, sistematicamente, a **responsabilidade** por suas desventuras, atribuindo a culpa às circunstâncias e às pessoas, bem como não reconhecem a conexão existente entre os fatos exteriores e seu comportamento **mental**. No íntimo, essas pessoas não definiram limites em seu mundo interior. Os limites nascem das nossas decisões profundas sobre o que acreditamos ser nossos direitos pessoais. Nossas demarcações estabelecem nosso próprio território, cercam nossas forças vitais e determinam as linhas divisórias de nosso ser individual. Há um espaço **delimitado** onde nós terminamos e os outros começam. Algumas criaturas aprenderam, desde a infância, o senso dos limites com pais amadurecidos. Outras, porém, não. Quando atingiram a fase adulta, não sabiam como distinguir quais são e quais não são suas responsabilidades. Muitas construíram muros de isolamento que as separaram do crescimento e da realização interior, ou ainda paredes com **enormes buracos** que as tornaram abertas a uma confusão de suas emoções com as de outras pessoas. Limites têm como objetivo nos tornar firmes e conscientes de nós mesmos, a fim de sermos capazes de nos aproximar dos outros sem sufocá-los ou desrespeitá-los. Visam também evitar que sejamos constrangidos a **não confiar** em nós mesmos. Ser responsável implica ter a determinação para responder pelas **consequências** das atitudes adotadas. Ser responsável é decidir por si mesmo para onde ir e descobrir a razão do próprio querer. **Não existem** "vítimas da fatalidade". Aceitar o princípio da responsabilidade individual e estabelecer limites descomplica nossa vida, tornando-os cada vez mais conscientes de tudo o que acontece ao nosso redor. Escolhendo com responsabilidade e sabedoria, poderemos transformar as amarguras em que vivemos na atualidade. A **auto responsabilidade** nos proporcionará a dádiva de reconhecer que qualquer mudança de rota no itinerário de nossa existência dependerá, invariavelmente, **de nós**.

Projeto Pense Bem - www.FaceBook.com/ProjetoPenseBem
